

O sintoma da interdisciplinaridade na afasia

Rosana Landi*

O título desta mesa, *Aquisição de Linguagem, Lingüística e afasia: questões em comum*, parece sugerir a existência de um ponto de convergência teórica propiciado pela afasia. Ou seja, o interesse pela afasia seria motivo de encontro entre as áreas acima mencionadas. Pertinente, então, seria perguntar que ponto de convergência é esse e, que modo de relação é estabelecido. Discutir essas duas questões, implica, necessariamente, trazer à cena o tema da *interdisciplinaridade*.

De fato, a afasia é um campo propício para essa discussão. Trata-se de um quadro patológico identificado a uma perturbação na linguagem: os sintomas que o sujeito afásico apresenta (e que o fazem sofrer) são sintomas lingüísticos. É exatamente a linguagem que coloca a Fonoaudiologia como um campo em que a afasia é um problema: a esse campo, é delegada a "reabilitação" da linguagem. Imbuída desta tarefa, a Fonoaudiologia, em seus estudos, tem se aproximado da Lingüística e da Aquisição. A convergência é ditada, portanto, pelo fato de que a linguagem é questão para cada uma dessas áreas. Podemos dizer, então, que Lingüística, Aquisição e Fonoaudiologia se ocupam de questões particulares que dizem respeito a um fenômeno comum: a linguagem.

É do lugar de fonoaudióloga, voltada para o estudo e para a clínica da afasia, que pretendo, aqui, refletir sobre o **tipo de relação** – com a Lingüística e com a Aquisição de Linguagem – que, tipicamente, se imprime nos trabalhos, que abordam essa patologia, elaborados no campo da Fonoaudiologia. Tratarei do perfil de interdisciplinaridade que resulta desse movimento da Fonoaudiologia em direção a esses campos (e a outros). Trago, para ilustrar minha reflexão, a proposta de afasia de Hildred Schuell, fonoaudi-

* PUCSP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

óloga cujo trabalho obteve notoriedade no campo afasiologia. Essa autora, de fato, sugeriu uma proposta multidisciplinar por acreditar que a afasia "é um problema de múltiplas facetas que deve ser estudado dentro de diferentes marcos científicos" (apud Jenkins et al., 1976, p. 76). Nessa caracterização, fica explicitada a direção da abordagem que Schuell pretende implementar: uma abordagem multidisciplinar. Guiada por esse "ideal", ela vai à Neurologia, à Psicologia, à Filosofia, à Psicolinguística e à Linguística ao longo da elaboração de seu trabalho já que, segundo diz, é preciso "tratar o paciente como um todo" (op. cit., p. 80). Justifica-se, portanto, o porquê de Schuell ser tomada, aqui, como *exemplar* do ideal de interdisciplinaridade.

Começemos pela definição oferecida pela autora: ela diz que a afasia é um "déficit geral de linguagem em todas as suas modalidades (produção, compreensão, oral e escrita)" (op. cit., p. 114). Diante disso, deve-se supor que essa pesquisadora e clínica irá em direção à Linguística e à Aquisição da Linguagem. É, de fato, o que acontece. Ela vai a Chomsky (1957, 1965) e a autores da Aquisição, como Berko (1958), R. Brown (1958), Ervin e Miller (1964). Mas, sua leitura desses autores é *seletiva*: o procedimento que aplica é o de "recortar", das teorias, fragmentos que podem servir à sua abordagem multidisciplinar e que podem servir, também, a sua proposta de reabilitação das afasias.

Pode-se dizer que o movimento de Schuell em direção a Chomsky é guiado por seu "desejo" de interdisciplinaridade. De sua leitura da dicotomia competência/desempenho, desse autor, ela retira que a afasia se constitui numa alteração do *desempenho linguístico*, sem prejuízo da *competência* linguística. Entender a afasia, implicaria abordar os fatores que respondem pelo uso da linguagem. Fatores que, segundo Schuell, remetem "a variáveis psicológicas e fisiológicas" (apud Jenkins et al., 1976, p. 70). O cerebral (fisiológico) mais o cognitivo (psicológico) correspondem às faces principais da multidisciplinaridade em Schuell. Então, conceber a afasia pelo viés de problema no desempenho "abre a porta" para uma composição entre a Linguística, a Neurologia e a Psicologia. É por aí, que Schuell justifica a "necessidade" de interdisciplinaridade.

Deve-se sublinhar que aquilo que essa pesquisadora supõe poder descartar em seu estudo do desempenho, a teorização acerca da "competência linguística", é o cerne do pensamento de Chomsky. Ela, em sua leitura, apaga o essencial nesse autor e apaga, também, o que ele diz sobre o estudo do desempenho: de que ele "só poderá progredir à medida em que a compreensão da com-

petência subjacente o permitir". Para Chomsky, de fato, "os únicos resultados concretos e as únicas sugestões claras [...] provieram de estudos sobre modelos de desempenho que incorporam gramáticas gerativas [...]" (1965, p. 90). Schuell, ao desvincular competência e desempenho, simplesmente reduz desempenho a *comportamento*.

Quanto à *competência*, ela é identificada a capacidade cognitiva e, diga-se, inespecífica. Ou seja, para ela, competência é um espaço a ser preenchido por conhecimento sobre a linguagem "assimilado da cultura", espaço a ser preenchido, como diz, numa aprendizagem informal. Chomsky não pode ser reconhecido nessas declarações de Schuell, já que ela fica com termos esvaziados de seu valor conceitual. Em seus "recortes", ela usa indevidamente noções forjadas no interior da teoria gerativa.

É também de Chomsky que Schuell toma a noção de *juízo gramaticalidade* para ser aproximada aos "depoimentos de afásicos". Com base em observações clínicas, Schuell dirá que afásicos falam de sua condição de falantes, emitem "depoimentos". O equívoco da autora está em aproximar um *instrumento teórico*, construído para validação de proposições empíricas e em que se espera do falante que ele diga apenas "sim" ou "não", de um "enunciado-queixa" relativamente à condição afásica. Para Schuell, esses depoimentos, que nada revelam sobre a boa/má formação de uma sentença, são evidências de que a competência (nela, "capacidade cognitiva"), está preservada.

Parece que é, também, de sua aproximação à Linguística que Schuell retira a noção de *estrutura*. Ela dirá que os erros dos afásicos não são estruturalmente diferentes daqueles cometidos por adultos não afásicos. Na verdade, essa afirmação vem ao encontro de sua hipótese de que há deterioração do desempenho, e não da competência. Ela diz que as parafasias, que ocorrem em falas normais e afásicas, mostram que o afásico é governado pelas mesmas "relações semânticas e gramaticais" (apud Jenkins et al., 1976, p. 121) que regem as produções de falantes normais. Acontece que não há, em Schuell, qualquer análise estrutural da fala de afásicos que viesse a sustentar sua afirmação. Como se vê, não há ponto de convergência entre Chomsky e Schuell porque sua aproximação à Linguística é *utilitária* e sua leitura desse campo é, portanto, desvitalizante.

A Aquisição de Linguagem servirá a seus propósitos clínicos. Apoiada em estudos (cujos autores não são referidos) Schuell afirma que a criança, embora produza apenas palavras isoladas, tem conhecimento estrutural. Vê-se, por aí, "ecos" do inatismo nos tra-

balhos da Aquisição de Linguagem. Parece que, em Schuell, essa postulação é utilizada para referendar seu procedimento clínico de "bombardeio auditivo", ou seja, para expor o paciente à estimulação auditiva em que o terapeuta apresenta um volume de palavras que deverão ser reconhecidas e repetidas pelo paciente. Segundo Schuell, a incrementação do vocabulário traria "naturalmente" a *ampliação de combinações entre palavras*. O que esse procedimento supõe é que a estrutura é montada "passo a passo", a partir de combinações entre palavras efetivamente produzidas, e não que o léxico é que engendra uma estrutura.

Pelo que expus aqui, pode-se ver que a interdisciplinaridade, sonhada por Schuell, não se realiza. Ela monta uma *colcha de retalhos* mal alinhavada porque, como disse, não há ponto de convergência entre sua leitura ingênua e a-teórica e os autores de que se aproxima. Cabe perguntar se o que acontece em Schuell seria um equívoco dela, ou se ele é inerente a todo empreendimento que visa à interdisciplinaridade. Esse tema é discutido por muitos autores.

Em Rajagopalan (1996), a interdisciplinaridade assume o caráter de um "mutirão", ou seja, de um grupo de indivíduos trabalhando e dividindo suas habilidades, irmã e solidariamente, para produzir resultados benéficos para todos coletivamente e cada um separadamente. A idéia é a de que com base em um esforço de cooperação e harmonia em função de um "bem maior" – o progresso da ciência – cumpre-se a meta de beneficiar a todos e a cada um. A pesquisa interdisciplinar em "mutirão" – uma "visão romântica", segundo Rajagopalan –, resulta de uma cooperação pacífica entre estudiosos cuja tarefa seria a de reunir e de *articular* "conhecimentos particulares". *Articular conhecimentos particulares: esse é o objetivo de um mutirão interdisciplinar*. Uma questão que se coloca, aqui, é a seguinte: seria a articulação interdisciplinar possível?

Segundo Lajonquière, *articular disciplinas*, importando conceitos e teses de uma teoria para outra, é "uma operação tão arriscada quanto caminhar sobre uma corda bamba". Esse autor considera que "uma operação de articulação teórica é inviável" (1992, p. 130). A inviabilidade desse empreendimento ganha corpo quando são "amalgamados" conceitos que não podem ser articulados já que mutuamente exclusivos. O autor refere-se à impropriedade de construir, por exemplo, uma (psico)pedagogia a partir da articulação entre a Psicologia do Desenvolvimento e Psicanálise. Aqui, a impropriedade estaria na articulação entre as noções de "sujeito epistêmico" (da Psicologia) e de "sujeito do desejo" (da Psicanálise).

Em Schuell, a impropriedade estaria em acomodar competência e capacidade cognitiva inespecífica, desempenho e comportamento, julgamentos de gramaticalidade e depoimentos – está, enfim, em fazer uma leitura "empirista" de um autor racionalista. Seu trabalho se enquadraria, então, num ideal de "mutirão". Embora eu tenha me detido, aqui, em sua leitura da Lingüística e da Aquisição, Schuell queria mais: queria incorporar, em sua teoria da afasia, conhecimentos da Medicina, da Psicologia, da Teoria da Comunicação e da Filosofia. Queria mesmo um "mutirão" entre esses campos, desejava equipará-los, usando expressão de Rajagopalan, a "uma comunidade de mosqueteiros ou, ao menos, de escoteiros" (1996, p. 94). Mas, o que resulta dessa tentativa é uma *contigüidade desarticulada* que decorre de um "recortar" e "colar" termos e fragmentos, termos e fragmentos retirados de espaços teóricos não compatibilizáveis entre si. Fica-se com uma "fachada" que impressiona pela ousadia e ambição mas que, se colocada em perspectiva, apresenta um todo incongruente e inconsistente do ponto de vista teórico. Não é difícil reconhecer entornos, bem delimitados, de pedaços de disciplinas colocados "lado a lado", mas que não se articulam. A multidisciplinaridade de Schuell aparece como uma colcha de retalhos, como disse. Esse é o *sintoma da interdisciplinaridade*.

A reflexão que empreendi até aqui, apontou problemas e impossibilidades que subjazem a uma relação interdisciplinar. Não se trata, contudo, de descartar a possibilidade de relações entre disciplinas: elas são não só possíveis mas, também, necessárias já que questões podem aproximar campos, criar afinidades. Devemos discutir, por isso, que natureza de relação seria possível entre disciplinas. Entre, por exemplo, Fonoaudiologia e Lingüística ou Fonoaudiologia e Aquisição de Linguagem?

De Lemos, ao falar da aproximação de disciplinas à Lingüística, afirma que "esse gesto [...] não pode ser] conseqüente ao reconhecimento da Lingüística como lugar de um saber sobre a linguagem, disponível sob a forma de *certezas e respostas*" e afirma que "a Lingüística [deve ser] tomada como lugar onde *o que não se sabe sobre a linguagem é reconhecido e produz questões [...]*" (1998, p. 13-14) (ênfases minhas). Ou seja, a relação entre campos não deve ser movimentada pelo desejo de encontrar uma verdade/solução na disciplina a que o investigador se dirige, já que ela nunca poderá responder questões externas ao seu domínio. Tomar a Lingüística como "lugar em que se produzem questões sobre a linguagem" é reconhecer que, nessa disciplina, a linguagem "adquire a dignidade de objeto" (Lier-De Vitto, 1994, p. 16) e, se "objeto", ele é

amalgamado ao conjunto de proposições problemáticas da Lingüística. Entre Lingüística e Fonoaudiologia, pode-se reconhecer afinidades. Entretanto, na Fonoaudiologia, tem-se cedido a uma *interdisciplinaridade ingênua* porque marcada por "aplicações" e aproximações a-teóricas à produção da Lingüística. Como diz Lier-De Vitto o que não se leva em conta é que "a natureza dos objetos deve suscitar questões que darão voz a ambas as partes, que as porão em *dialogia*. Afinal, 'parentesco' não é 'identidade'" (1994, p. 16) (ênfase minha).

É a partir da noção de *diálogo teórico* (Lier-De Vitto, 1994) que, ao meu ver, podemos vislumbrar uma outra forma de encarar a relação entre disciplinas. Em primeiro lugar, devemos considerar que há restrições ao diálogo e que para sustentá-lo é preciso evitar as "aplicações". Aplicações, apagam o "teórico" do "diálogo". Deve-se evitar, também, uma *leitura desavisada*. Quando se confunde "parentesco" com "identidade", por exemplo, parte-se para uma aproximação que homogeneiza o que é heterogêneo. Um "diálogo teórico" entre Fonoaudiologia e Lingüística exigiria, portanto, um duplo compromisso do investigador: compromisso com a *fala do paciente*, de que decorre o reconhecimento do "particular" dessa fala e que coloca limites à aplicação; e compromisso com a *própria palavra*. Isso exige rigor na leitura e no dizer.

Em se tratando da relação entre Fonoaudiologia e Lingüística pode-se dizer, tomando expressão da fonoaudióloga Lúcia Arantes, que "à Fonoaudiologia resta a exigência da *criação de um texto próprio* que se origine [do] diálogo e da análise do objeto que lhe é particular (e nem por isso estranho à Lingüística)" (1994/97, p. 35) (ênfases minhas). Note-se que a condição para a produção de um "texto próprio" está relacionada, na citação acima, a "diálogo" (com a Lingüística) e ao enfrentamento de um "particular" (fala dita patológica). Isso tem a ver com o que disse Lier-De Vitto (1994): que um fonoaudiólogo não pode deixar de considerar, por exemplo, que "não é qualquer [teoria] de linguagem que poderá responder as exigências do material que transita nos consultórios fonoaudiológicos. Há de ser uma visão que permita pensar a linguagem – no que ela remete a um universal – em suas manifestações particulares, no caso a denominada 'patológica'" (op. cit., p. 16).

Assim, assumir compromisso com o particular de uma fala (com o sintoma) impõe restrições ao diálogo, o que não significa a negar a teorização sobre a linguagem presente na Lingüística porque ignorar as questões sobre a linguagem, levantadas na Lingüística, revelaria mais uma fragilidade do fonoaudiólogo do que uma ignorância da Lingüística. É certo que essa disciplina tem seus li-

mites. Afinal, como diz Milner (1989), um programa científico é instituído exatamente pelo assentamento das questões que lhe serão relevantes, o que implica um rol de questões que lhe serão irrelevantes. A "fragilidade", a que fiz menção acima, estaria na ignorância relativamente à natureza das questões em torno das quais um campo se movimenta.

Em um "diálogo teórico", caminho que considero viável à relação entre campos – no caso, entre a Fonoaudiologia e a Lingüística –, exige que se reconheça o saber da Lingüística e que se reconheça, ao mesmo tempo, que esse saber não é absoluto. Mais que isso, implica admitir que é no lugar do *não-saber* da Lingüística que está o fonoaudiólogo e que é desse lugar que ele poderá "dialogar" com a Lingüística. Nada há a cobrar, portanto, à Lingüística. É a partir desse lugar, acima de tudo, que um *texto próprio* poderá ser construído pela Fonoaudiologia.

Referências bibliográficas

- ARANTES, L. O fonoaudiólogo, este aprendiz de feiticeiro. In: LIER-DE VITTO, Maria Francisca (org.). *Fonoaudiologia: no sentido da linguagem*. São Paulo: Cortez, 1994.
- BERKO, J. The child's learning of english morphology. *Word*, v. 1, p. 150-177, 1958.
- BROWN, R. W. How shall a thing be called? *Psychology*, v. 65, p. 14-21, 1958.
- CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton, 1957.
- . *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Armênio Amado, 1965/1975.
- ERVIN, S. M.; MILLER, W. R. Language development. *Child Psychology*, 1964.
- JENKINS, J.; JIMÉNEZ-PABÓN, E.; SHAW, R.; SEFER, J. *Afasia en adultos según Schuell*. Buenos Aires: Médica Panamericana, 1976.
- LAJONQUIÈRE, L. *De Piaget a Freud: para repensar as aprendizagens: a (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- LEMONS, C. Sobre aquisição da escrita: algumas questões. In: ROJO, Roxane (org.). *Alfabetização e letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 13-31.
- LIER-DE VITTO, M. F. Aquisição de linguagem, distúrbios de linguagem e psiquismo: um estudo de caso. In: ———. (org.). *Fonoaudiologia: no sentido da linguagem*. São Paulo: Cortez, 1994.
- MILNER, J. C. *Une introduction à la science du langage*. Paris: Seuil, 1989.
- RAJAGOPALAN, K. A interdisciplinaridade: um imperativo desde sempre. *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*, 19. Maceió, Imprensa Universitária – UFAL, 1996.